
BELA FELDMAN-BIANCO

Departamento de Antropologia
da Universidade de Campinas

Múltiplas Camadas de Tempo e Espaço. (Re)construções da Classe, da Etnicidade e do Nacionalismo entre Imigrantes Portugueses (*)

193

Na presente conjuntura do capitalismo, o Estado português redefiniu-se como uma nação desterritorializada, que incorpora sua população disseminada pelo mundo. Consequentemente, tornaram-se cruciais para esta redefinição tanto a legitimização das redes transnacionais de migrantes quanto a própria construção cultural da saudade. Neste mesmo período, os esforços dos Estados Unidos visando a incorporação de imigrantes tendem a estimular cele-

brações públicas de comunidades étnicas como pilares do tecido social americano.

Com efeito, o caso da comunidade imigrante portuguesa da região de New Bedford demonstra claramente que enquanto no passado a possibilidade de conseguir mobilidade social ascendente e poder político demandava a rejeição, ou invisibilidade, da identidade e ancestralidade portuguesas, presentemente ocorre um processo inverso.

Desde a era dos descobrimentos nos séculos XV e XVI, o mundo — mais do que os limites territoriais do estado-nação — constitui a unidade espacial dos Portugueses. Desde que se

(*) Tradução sumarizada, pela autora, do original em inglês, intitulado "Multiple Layers of Time and Space: The Construction of Class, Ethnicity and Nationalism among Portuguese Immigrants", in Glick Schiller, N., Basch, L., e Blanc-Szanton (eds.) *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered*, *Annals of the New York Academy of Sciences*, vol. 645, julho 1992, pp.145-174.

A pesquisa de campo utilizada neste ensaio foi realizada durante o período em que ocupei a posição de Professora Titular (Visitante) de Estudos Portugueses, junto ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Massachusetts-Dartmouth (1987 a 1991). No transcorrer desta pesquisa, beneficiei-me também da hospitalidade, do incentivo e de discussões proporcionadas pelos meus colegas do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra durante as minhas estadias em Portugal.

Diferentes versões deste ensaio foram apresentadas nas seguintes instituições: Columbia University (University Seminar on Cultural Pluralism); Universidade de Coimbra (Centro de Estudos Sociais); Brown University (Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros); Lehman College of the City University of New York; e New York Academy of Sciences. Também beneficiei-me das inúmeras discussões que mantive com os Profs. Drs. David Montgomery e Emilia Viotti da Costa sobre o meu trabalho de campo, bem como das perspectivas metodológicas desenvolvidas pelas Profs. Dras. Nina Glick Schiller, Linda Basch e Cristina Blanc-Szanton para o estudo de migrações transnacionais. Agradeço em particular a Nina Glick Schiller pela contribuição perspicaz dada à versão final deste ensaio.

tornaram descobridores e colonizadores de novas terras e, posteriormente, enquanto mão-de-obra imigrante, o movimento de pessoas através do mundo é constitutivo da experiência portuguesa.

Saudade, uma palavra originada no século XVI, está associada a essa constante peregrinação portuguesa pelo mundo. Enquanto construção cultural, a saudade define a identidade portuguesa no contexto de múltiplas camadas de tempo e espaço (1).

De um lado, como parte constitutiva do "eu" ou da pessoa, a saudade tende a ser caracterizada como "a experiência desenraizada localizada entre as memórias do passado e o desejo do futuro" ou simplesmente, no dizer de um jovem imigrante, como "as memórias que tocam a alma". Estas memórias estão intrinsecamente associadas às camadas de tempo e espaço anteriores à emigração ou seja à "saudade da terra". A reinvenção destas memórias, no contexto de experiências específicas de migração, vida e trabalho na intersecção de culturas, molda a construção da identidade ao nível do "eu" e eventualmente reforça identidades regionais que se contrapõem à identidade nacional (2).

Por outro lado, como parte constitutiva da memória coletiva de Portugal, a saudade é narrada como sendo "a essência do caráter nacional português" e, portanto, como a base da comunidade política imaginada (3). Temporalmente, este imaginário volta-se à era dos Descobrimentos e à subsequente história da imigração, abrangendo espacialmente as explorações marítimas e a separação de parentes espalhados pelo mundo.

Ao focalizar as múltiplas camadas de tempo e espaço da saudade, o meu propósito é o de contribuir para o atual debate sobre transnacionalismo e transmigração. Com este intuito, baseando-me em dados oriundos de pesquisa de campo realizada em Portugal e em New Bedford, uma cidade industrial da Nova Inglaterra, E.U.A., proponho-me a examinar: de um lado, como as tentativas feitas pelo Estado pós-colonial português no sentido de criar uma nação "global" desterritorializada, abrangendo as suas populações dispersas pelo mundo, estão enraizadas na reinvenção da memória coletiva da saudade; e, por outro lado, como imigrantes

(1) Para um estudo etimológico da origem da palavra *saudade*, consultar Vasconcelos, 1922.

(2) Esta última definição é baseada na análise de meus dados de pesquisa de campo.

(3) Conforme Anderson, 1983.

diferencialmente conceptualizam a saudade, enquanto base de suas identidades individuais e coletivas, no contexto de suas experiências específicas na intersecção das culturas portuguesa e americana. A partir desta perspectiva, analisarei as construções diferenciais de classe, etnicidade e nacionalismo entre imigrantes portugueses no contexto de mudanças na economia global, bem como das políticas portuguesas e americanas de controle sobre seus migrantes internacionais.

De acordo com o enfoque transnacional de Glick-Schiller, Basch e Blanc-Szanton, *transnacionalismo* refere-se a “um processo social recente no qual migrantes estabelecem campos sociais que transpõem fronteiras geográficas, culturais e políticas”; sendo que o elemento central desse processo é constituído pela multiplicidade de envolvimento (familiares, econômicos, sociais, organizacionais, religiosos e políticos) desses imigrantes tanto na terra natal quanto na sociedade receptora (1992: 1). Como corolário, imigrantes transformam-se em *transmigrantes* quando constroem campos sociais que unem a sociedade de origem e a de recepção numa construção social única (*ibid.*: 1). Na medida em que este enfoque foi desenvolvido tão-somente a partir de descobertas empíricas sobre os assim chamados novos imigrantes (principalmente aqueles que emigraram do Caribe, da Ásia e da Índia para os Estados Unidos, desde a década de 1960) num período caracterizado pela “reestruturação da desindustrialização” americana, permanece a indagação se transnacionalismo e transmigração constituem de fato um fenômeno novo e diferente em relação às imigrações do passado (*ibid.*: 2).

Ao adotar o enfoque transnacional, o meu objetivo é o de trazer uma perspectiva histórica a essas indagações. Muito embora os assim chamados “novos imigrantes” tivessem progressivamente substituído os europeus como o maior contingente de mão-de-obra para os Estados Unidos, sucessivas gerações de portugueses, ligados entre si por laços de parentesco, continuaram a deslocar-se para New Bedford e cidades circunvizinhas. Desde a década de 1920, constituem o maior grupo étnico da cidade, compondo atualmente 60% dos 110.000 habitantes locais. A renovação contínua da migração portuguesa para esta cidade da Nova Inglaterra — conjuntamente com a sua longa história de peregrinação pelo mundo — permite, portanto, um exame detalhado dos padrões de continuidade e mudança entre imigrações do passado e do presente, principalmente no que

se refere à interrelação entre transnacionalismo e a construção (e reconstrução) de classe, etnicidade e nacionalismo no contexto de uma nação portuguesa espacialmente desterritorializada.

Ao iniciar a minha análise histórica, deparei-me com dados um tanto paradoxais: de um lado, as estruturas domésticas indicavam que, tanto no passado quanto no presente, as experiências vividas por imigrantes portugueses estendiam-se entre os Estados Unidos e Portugal. No contexto deste padrão dominante, houve, desde a década de 1970, tanto a intensificação de formas antigas quanto a emergência de novas formas de transnacionalismo. Por outro lado, a minha análise de eventos da vida cotidiana, bem como a delineação da organização social dos portugueses de New Bedford, levaram-me simultaneamente a identificar um aumento de sua insularidade enquanto grupo étnico da cidade. Embora, à primeira vista, estes fenômenos possam parecer contraditórios, os padrões aparentemente paradoxais são de fato o resultado de uma mesma dinâmica. O processo de internacionalização crescente da economia mundial está sendo acompanhado por novas formas de se imaginar comunidades políticas. Estas novas conceptualizações de comunidade políticas podem ser espacialmente dispersas, sendo que, em qualquer local, as tendências globais podem refletir um crescendo de insularidades étnicas. Portanto, este ensaio destina-se a desvendar esse paradoxo no contexto de mudanças na economia mundial e da conseqüente emergência, tanto em Portugal quanto nos Estados Unidos, de novas políticas de controle de migrantes internacionais.

**A reinvenção da
saúde e a
criação de uma
nação
portuguesa
espalhada pelo
mundo**

Como Eduarço Lourenço (1978) argutamente observou, desde a Primeira República a construção da nação portuguesa (incluindo sucessivos nacionalismos) tem como axis o papel desempenhado por Portugal durante os Descobrimentos, bem como seus territórios além-mar, reais ou míticos. Como parte desse imaginário, Camões, devido ao seu poema-épiço *Os Lusíadas*, foi transformado na personificação mítica da nação e do patriotismo lusitano (Lourenço, 1978). Após a Revolução de 1974 e a perda das últimas possessões ultramarinas, o Estado pós-colonial distanciou-se das ideologias prevaescentes que glorificavam a "raça lusitana" e um "Portugal colonizador" (*ibid.*). Contudo, estas experiências continuaram a ser enaltecidas e reinventadas pelo Estado português. Conjuntamente com os planos de celebrar o

Quincentenário das Descobertas Portuguesas até o ano 2000, a imagem de Camões passou a ser associada a um "Portugal Imigrante". O Dia 10 de Junho, anteriormente conhecido como o "Dia de Camões e da Raça Lusa" foi reinventado como o "Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas" e, dessa forma, transformado em uma celebração das "comunidades portuguesas disseminadas pelo estrangeiro" (4).

Em um decreto-lei em que institucionalizava a Comissão Organizadora do Dia de Portugal em 1978, o presidente da República justificava a escolha do dia 10 de junho para esta celebração, nos seguintes termos:

O Dia 10 de Junho, Dia de Camões e das Comunidades, melhor do que nenhum outro, reúne o simbolismo necessário à representação do Dia de Portugal. Nele se aglutinam em harmoniosa síntese a Nação Portuguesa, as comunidades lusitanas espalhadas pelo Mundo e a emblemática figura do épico genial. (Comissão Organizadora do Dia de Portugal, Relatório de 1978: 5).

Para a primeira comissão organizadora do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, esta celebração teria como um de seus principais objetivos

concorrer para a efectivação de uma real unidade nacional, entendendo-se no seu sentido mais lato, isto é, *entendida nação mais como população do que como território, apelando e incentivando o reconhecido sentido patriótico dos membros das comunidades*. (Comissão Organizadora do Dia de Portugal, Relatório de 1977: II, grifo nosso).

Portanto, as comunidades espalhadas pelo mundo substituíram as antigas possessões ultramarinas (o Portugal além-mar) na nova e mais ampliada construção de uma comunidade política imaginada como sendo espacialmente desterritorializada. Em agosto de 1980, o então primeiro-ministro Sá Carneiro, baseando-se nesta nova construção, definia Portugal como uma "nação populacional espalhada pelos quatro cantos do mundo", afirmando:

[...] só poderemos sobreviver, só [...] poderemos acreditar em Portugal, e no seu futuro, se nos concebermos como

(4) Neste sentido, estou focalizando na saudade como (re)invenção da tradição, de acordo com a definição dada por Hobsbawm ao conceito, i.e. enquanto "conjunto de práticas tacitamente aceitas e de um ritual, ou natureza simbólica, que tenta inculcar certos valores e normas de comportamento por repetição, o que automaticamente implica em continuidade com o passado" (Hobsbawm e Ranger, 1983: 23). Neste contexto, devo salientar que não faz parte do escopo deste trabalho discutir a relação entre saudade e saudosismo.

Nação que abrange os residentes e os não residentes, todos tratados em pé de igualdade. Mas se a nação é isto, então como pode o estado e a Constituição, que é a Constituição da nação, espalhar os direitos do emigrante? Ser concebidos apenas com residentes? (*apud* Aguiar, 1986: 5 e 6).

Com o ingresso de Portugal na Comunidade Européia, em conformidade com a construção emergente de uma nação espacialmente desterritorializada, seus migrantes internacionais finalmente adquiriram direitos à dupla cidadania e ao voto. Posteriormente, em 1985, no contexto de uma reunião do Conselho da Europa realizada em Estocolmo, a Dr^a Manuela Aguiar, na época Secretária de Estado das Comunidades Portuguesas, justificava esta construção mais ampla de nacionalidade nos seguintes termos:

Migração, a mudança do país de residência, dá origem a novas ligações, novos laços, novas fidelidades. Mas isso não significa, do nosso ponto de vista, que não se mantenham como elemento estrutural da identidade do indivíduo, o elo profundo que o liga à terra e à cultura dos seus antepassados. Será vantajoso, portanto, para os estados regularem entre si as consequências desses duplos laços. (Aguiar, 1986: 362).

A criação dessa nação espacialmente desterritorializada reflete redefinições dramáticas de políticas de emigração. Até, pelo menos, meados de 1940, emigrantes — considerados cidadãos de segunda classe — eram caracterizados como “aqueles passageiros de barco, viajando de segunda e terceira classe” (Ribeiro, 1987). Mesmo após a revogação desta definição, entidades governamentais — ainda considerando a emigração “um mal necessário” e a emigração ilegal como crime, continuaram a enfatizar políticas fiscais. Em contraposição, na década de 1960, o governo colonial português, levando em consideração a divisão internacional do trabalho, começou a implementar políticas de emigração no contexto da política nacional do trabalho. Com a criação, em 1965, de um serviço nacional de emigração, o govêrno português estabeleceu as normas de emigração e retorno, ficando responsável pelo recrutamento e colocação de seus trabalhadores migrantes (Ribeiro, 1986). Mas, independentemente das mudanças de políticas em relação às suas populações desterritorializadas — do controle fiscal ao controle da oferta do trabalho —, sucessivos nacionalismos exacerbados, glorificando a “raça lusitana” continuaram a

ênfatisar a manutenção unilateral da cultura e língua portuguesa e, portanto, da identidade (unilateral) portuguesa no espaço da imigração. Somente após a Revolução de 1974, mudanças de ideologia (e, portanto, de formas de controle sobre estas populações) alteraram drasticamente o status dos emigrantes. Neste sentido, um discurso proferido pela Dr^a Manuela Aguiar sugere que estas mudanças fundamentam-se também no reconhecimento da emergência de uma nova ordem econômica mundial dentro da qual Portugal se insere enquanto país de emigração.

199

[...] na actualidade, a emigração já não é uma consequência só imputável às condições próprias e intrínsecas dos povos que tradicionalmente calcorream o Mundo em busca do futuro; mesmo que transformações significativas de estrutura tenham neles ocorrido, estejam em curso ou sejam previsíveis no futuro imediato, não se vê que atinjam expressão bastante para impedir que as leis do mercado internacional do trabalho — que é do que se trata agora — continuem a canalizar para determinados países os trabalhadores dos países economicamente mais débeis — e preferencialmente os mais qualificados. (Aguiar, 1986: 15).

No contexto do ingresso de Portugal na Comunidade Européia e do reconhecimento de “que as complexas componentes de uma política emigratória extravasam uma perspectiva puramente laboral” (Aguiar, 1986: 19), o Estado transferiu os serviços de emigração ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, que passou a ênfatisar os direitos humanos de seus trabalhadores internacionais, ao invés da simples oferta de trabalho. Além do mais, tendo em vista a unificação da Europa e o “trânsito livre dêstes trabalhadores” nos países que fazem parte da Comunidade Européia, o têrmo “emigrante” foi abolido e substituído pelas expressões “portugueses fora de Portugal” e “portugueses espalhados pelo mundo”.

No passado, os emigrantes portugueses foram estigmatizados e discriminados. Ao designá-los “portugueses fora de Portugal”, o governo pós-colonial finalmente reconheceu o caráter transnacional da emigração portuguesa. Apesar deste reconhecimento, emigrantes continuam a ser pejorativamente cognominados em Portugal de “Franceses”, “Canadenses”, “Brasileiros”, “Americanos”, etc. Entretanto, desde o final da década de 1980, quando receberam direitos à dupla cidadania e ao voto, os emigrantes portugueses (ou melhor, os portugueses fora de Portugal) têm uma dupla

responsabilidade: a de se integrarem à “sociedade de recepção” sem se assimilarem e a de estabelecerem a “presença de Portugal no mundo”.

Com a inclusão dos emigrantes na conceptualização de uma nação espacialmente desterritorializada, o governo central criou um Ministério das Comunidades Portuguesas com os objetivos de reforçar: a) a persistência da cultura e língua portuguesa no mundo; e b) a cooperação econômica, social e cultural entre as comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo, bem como entre estas comunidades e as diferentes regiões de Portugal. Divisões similares foram criadas pelas regiões autônomas dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, e mais recentemente um Ministério Mundial de Comunidades Portuguesas (com a participação de representantes de diferentes comunidades portuguesas) está em formação.

O reconhecimento pelo Estado pós-colonial português do caráter transnacional da emigração portuguesa encontra eco na poética formulação de Fernando Pessoa, para quem “um português que é somente um português não é um português”, pois como Eduardo Lourenço, valendo-se de uma metáfora de Teófilo contextualiza, “Portugal é uma ‘nação-navio’ (ou um ‘navio-nação’) dentro do qual os portugueses já nascem embarcados” (Lourenço, 1978). Este imaginário está também presente na poesia de emigrantes. Considerem este poema de João Teixeira Medeiros, um poeta de 85 anos de idade, de fato “um português que não é somente um português” (portanto, um verdadeiro português na concepção de Pessoa) que nasceu na Nova Inglaterra, emigrou para os Açores aos 9 anos de idade e posteriormente, aos 22 anos de idade, retornou à Nova Inglaterra, onde ainda reside:

A palavra saudade
quem a sentiu quem a fez
Fê-la caber a vontade
no coração português.

Tem alegria e tristeza
tem sentimento e tem voz
É toda bem portuguesa
é toda filha de nós.

Tempera nações inteiras
Convive com toda a gente
onde houver lusas bandeiras
a saudade está presente

Andou connosco nos mares
atravessou mil sertões
Anda agora pelos ares
connosco nos aviões

A saudade Deus nos valha!
Tem um poder tão profundo
É tufão que nos espalha
pelos cantinhos do mundo ⁽⁵⁾.

No contexto da emergência de uma nova ordem econômica mundial, o Estado pós-colonial reinventou a memória histórica das descobertas portuguesas; e, ao mesmo tempo, incluiu seus emigrantes internacionais numa nova conceptualização de Portugal enquanto uma nação espalhada pelo mundo. O imaginário e a vivência peregrina dos portugueses, estendendo-se mundo afora, proporciona uma fonte de legitimidade para a criação desta nação espacialmente desterritorializada. Mas, como veremos, em resposta a essas políticas, os portugueses que vivem fora de Portugal (como os de New Bedford, MA) reconstróem diferencialmente sua Portugalidade na interseção de culturas.

New Bedford é um dos inúmeros “cantinhos” portugueses espalhados pelo mundo. Enquanto tal, faz parte de uma rede de enclaves portugueses da Nova Inglaterra, um espaço transnacional que Onésimo T. de Almeida cognomina de “L(U.S.A.)lândia”:

Uma porção de Portugal rodeada pela América por todos os lados, [...] uma nação especial composta por comunidades que não são nem Portugal nem a América, [que são] uma mistura de duas culturas, um mundo entre Portugal e a América (Almeida, 1988: 231)

Há mais de um século, migração de mão de obra, redes transnacionais formadas por relações de parentesco (incluindo padrões de casamento internacional), a circulação de bens materiais e simbólicos e a constante reinvenção de múltiplas camadas de tempos e espaços portugueses em um cotidiano americano une este “mundo entre Portugal e a América” numa construção social única ⁽⁶⁾. Ao focalizar na

⁽⁵⁾ Para uma análise da poesia migrante, consultar Capinha, 1993.

⁽⁶⁾ Esta construção social inclui ainda rêdes de relações sociais, materiais e simbólicas formadas com parentes radicados em outros países do mundo e que tendem a demarcar as rotas de imigração regional. Assim, entre os açorianos de New Bedford, a densidade de relações sociais inclui também parentes radicados na Califórnia, no Canadá e no Brasil. As rêdes de parentes

interrelação entre transnacionalismo e insularidade, delinearei os processos históricos e os significados culturais através dos quais “este mundo entre Portugal e a América” tornou-se de fato um “território” português fora de Portugal.

Os portugueses assinalam que a construção de seu “território” de New Bedford iniciou-se no ano de 1832, num período em que a mão-de-obra das expedições baleeiras locais era predominantemente composta por homens açorianos e cabo-verdianos. Posteriormente, durante as últimas décadas do século XIX, famílias portuguesas começaram a deslocar-se em massa para New Bedford (primeiro dos Açores e, subseqüentemente, também da Madeira e de Portugal continental), atingindo seu auge em 1910. Estes primeiros contingentes eram formados principalmente por famílias de pequenos proprietários agrícolas, lavradores sem terra e artesões que procuravam escapar da miséria num período marcado pelo grande declínio da economia portuguesa. Há indicações de que inicialmente a maioria dedicou-se às atividades agrícolas e artesanais, adquirindo, quando possível, parcelas de terra nos arredores da cidade.

A indústria têxtil local, naquele período à vanguarda da industrialização americana, empregava inicialmente uma mão-de-obra composta por operários ingleses, irlandeses e franco-canadenses. Posteriormente, na virada do século, os portugueses, juntamente com outros trabalhadores não especializados do Leste da Europa, começaram a emigrar em grandes números, como mão-de-obra barata para a indústria têxtil da região. Por volta de 1910, já constituíam 40% do operariado têxtil de New Bedford. Estimativas existentes sugerem ainda que, na década de 1930, 80% dos portugueses eram operários têxteis, enquanto somente 15% era constituída por profissionais e gente do comércio (7). Embora houvesse estratificação social entre os portugueses, aqueles que permaneceram em New Bedford foram profundamente atingidos — como tantos outros moradores da localidade — pelo declínio da indústria têxtil e a subseqüente e longa depressão econômica que atingiu a região.

Embora a imigração portuguesa para New Bedford nunca tivesse cessado completamente, em finais da década de

dos migrantes originários de Portugal continental estendem-se principalmente pela Europa e Brasil. Já para os madeirenses, esta construção social única abrange principalmente parentes que emigraram para o Brasil, África do Sul e Venezuela.

(7) Estatísticas publicadas em *Os Portugueses em New Bedford*, Montepio Luso-Americano, New Bedford, 1932.

1950, o governo americano aprovou um decreto especial facilitando a entrada de açorianos para os Estados Unidos, devido a um dramático terremoto ocorrido na Ilha do Faial. Posteriormente, com a implementação da legislação imigratória americana de 1965, novos e sucessivos contingentes de imigrantes dos Açores, de Portugal continental e da África portuguesa fixaram-se em New Bedford.

Há indicações de que os portugueses que migraram para New Bedford a partir da década de 1970 tendem a ser mais estratificados econômica, social e educacionalmente que os contingentes anteriores. Contrastando com as massas dos imigrantes do passado que chegaram a New Bedford para fugir à miséria e à fome, uma proporção considerável de portugueses das camadas médias figura entre os "novos imigrantes". Enquanto há os que emigraram para evitar que os seus filhos fossem recrutados para as guerras coloniais em África, outros fixaram-se nos Estados Unidos tendo em vista "o futuro dos filhos". Outros ainda foram obrigados a sair da África portuguesa devido à independência das antigas colónias africanas ou resolveram imigrar em reação à Revolução Portuguesa. Outros, ainda, emigraram para New Bedford após terem-se estabelecido em outros países do mundo.

Estimativas sugerem que atualmente 60% dos 110.000 habitantes de New Bedford são de origem portuguesa. Esta percentagem inclui os assim chamados Luso-Americanos (descendentes dos imigrantes que se fixaram em New Bedford em vários períodos históricos), muitos dos quais casaram-se com membros de outros grupos imigrantes (franco-canadenses, ingleses, poloneses, italianos etc); Portugueses nascidos nos Estados Unidos que, juntamente, com os seus pais, mudaram-se para Portugal, seja anteriormente à ou na década de 1930, e que retornaram a New Bedford a partir da década de 1960; bem como novos contingentes de imigrantes e seus descendentes, a maioria dos quais está ligada por relações de parentesco aos contingentes mais antigos de imigrantes e seus descendentes. Adicionalmente, esta percentagem ainda inclui os cabo-verdianos que, anteriormente à independência de Cabo Verde, faziam parte da "comunidade" portuguesa de New Bedford.

Atualmente, os portugueses de New Bedford diferenciam-se sócio-econômica e educacionalmente. Enquanto 50% da população imigrante é ainda constituída por operários, luso-

-americanos, bem como segmentos da população imigrante, estão representados nos diferentes setores de atividades da região⁽⁸⁾. Entretanto, apesar de seus números, imigrantes portugueses têm representação inexpressiva nos escalões governamentais americanos, permanecendo à margem da estrutura de poder local. De fato, a maioria dos imigrantes, segregada e auto-segregando-se, vive suas rotinas diárias nos dois grandes bairros portugueses de New Bedford.

A análise exploratória de 60 histórias orais e 25 genealogias sugere que os sucessivos contingentes de imigrantes que se fixaram em New Bedford em diferentes períodos históricos estão ligados entre si através de redes de parentesco consanguíneo e afins que tendem a ser regionalmente demarcadas. De fato, há indicações de que os contingentes mais recentes de imigrantes são, em última análise, membros das mesmas famílias que haviam emigrado para a Nova Inglaterra no passado.

A análise dos dados coletados ainda sugere que o fluxo de imigrantes portugueses entre Portugal e os Estados Unidos era contínuo antes da promulgação, entre 1917 e 1924, de uma série de leis restringindo a entrada de imigrantes aos Estados Unidos. Enquanto segmentos da população migrante portuguesa radicaram-se permanentemente em New Bedford e cidades circunvizinhas, outros deslocavam-se entre Portugal e os Estados Unidos (e nos Estados Unidos, entre New England e a Califórnia) a fim de trabalhar por alguns anos e, assim, acumular capital que lhes possibilitasse comprar propriedade fundiária na terra natal. Muito embora houvesse naquele tempo histórias de sucesso empresarial por parte de imigrantes que retornaram à terra natal e investiram o seu capital em pequenas empresas, êste sucesso era tão somente o resultado de iniciativas privadas sem apóio algum do Estado português.

Posteriormente, com o declínio da indústria têxtil e a prolongada depressão econômica que atingiu a região, o retorno de imigrantes portugueses para o seu país de origem parece ter sido relativamente alto: houve imigrantes que retornaram a Portugal com suas famílias inteiras, inclusive filhos nascidos nos Estados Unidos; outros retornaram à sua terra natal com os seus filhos mais jovens (nascidos em Portugal ou nos Estados Unidos), enquanto alguns de seus descendentes já casados continuaram a viver nos Estados

(8) A posição sócio-econômica dos imigrantes portugueses de Massachusetts foi analisada em detalhe por Maria da Glória de Sá Pereira (1985).

Unidos. Até certo ponto, mesmo entre meados da década de 1920 e meados da década de 1950, quando o sistema americano de quotas permitia anualmente apenas a entrada de 500 portugueses, aqueles que possuíam a cidadania americana continuaram a deslocar-se entre Portugal e os Estados Unidos, algumas vezes acompanhados por esposas e filhos nascidos em Portugal. Outros, embora radicados nos Estados Unidos, voltaram a Portugal a fim de encontrar cônjuges portugueses. Houve ainda outros que se mudaram da Nova Inglaterra para outras regiões americanas, principalmente para a Califórnia.

“Olá como vai... chegou a minha hora de partir” é a sentença inicial de uma canção migrante que narra como a emigração é constitutiva do cotidiano português⁽⁹⁾. Em inúmeras regiões de Portugal e principalmente nos Açores, a aquisição de cidadania americana — bem como o acesso, através de parentesco e casamento, aos “papéis americanos” — constitui uma estratégia valiosa que possibilita indivíduos e famílias a viverem entre Portugal e os Estados Unidos. Portanto, não é por acaso que descendentes de imigrantes, nascidos nos Estados Unidos mas que retornaram com os seus pais para Portugal antes ou após 1930, bem como os seus parentes que permaneceram nos Estados Unidos, constituam o maior elo conector entre os diversos contingentes de portugueses que emigraram antes e após 1960 para os Estados Unidos. Mesmo durante a década de 1960, num período em que o governo português estava tentando redirecionar o movimento da mão-de-obra migrante portuguesa dos Estados Unidos para a Europa, redes de parentesco continuaram a possibilitar a chegada de novos contingentes portugueses (principalmente dos Açores e, em menor proporção, de Portugal continental) para os Estados Unidos.

Neste contexto, a chegada contínua aos Estados Unidos de migrantes portugueses ligados por laços de parentesco foi facilitada, entre as décadas de 1960 e 1980, por políticas governamentais americanas que estimulavam a migração em cadeia. Estas políticas inclusive possibilitaram famílias inteiras a reunirem-se na Nova Inglaterra e, ao mesmo tempo, reforçaram a estratégia familiar de escolha de cônjuges para filhos e filhas na terra natal.

(9) Canção de Dionísio Costa, um imigrante do Faial que vive em Massachusetts, onde fundou o grupo musical Placard.

Também as estratégias paternalistas das fábricas locais, favorecendo o recrutamento de parentes de seus operários portugueses — considerados “mão-de-obra dócil” — facilitaram a entrada de imigrantes recém-chegados na força de trabalho americana. Assim, independentemente de sua origem social, a maioria dos imigrantes recém-chegados conseguiu os seus primeiros empregos em fábricas baseadas no trabalho intensivo que, no decorrer dos anos, haviam substituído a decadente indústria local.

Com o advento nos Estados Unidos do seguro de saúde (que data da década de 1930) e a posterior implementação de benefícios de saúde para a Terceira Idade (na década de 1960), houve uma reformulação do “ideal de retorno” entre os novos contingentes de imigrantes portugueses: da acumulação rápida de capital à obtenção de aposentadoria e, portanto, ao usufruto da estrutura americana de benefícios sociais. Esta reformulação de objetivos resultou em adiamentos constantes dos planos de regresso à terra natal, reforçando assim a fixação permanente de segmentos consideráveis da população migrante assalariada nos Estados Unidos. Mas, tendo em vista a continuidade do sonho de regresso, muitos “novos” imigrantes mantiveram suas casas, terras e mesmo carros no país de origem. Ao mesmo tempo, compraram, tão logo puderam, uma casa nos Estados Unidos, que simboliza, de acordo com suas próprias palavras, seu acesso a “um pedaço do sonho americano”.

No contexto deste regresso continuamente adiado, um número cada vez maior de jovens imigrantes e descendentes de imigrantes está prosseguindo seus estudos nos Estados Unidos. Dentre êstes, principalmente (mas não somente) aqueles que obtiveram um título universitário transformaram-se em intermediários culturais entre os imigrantes e as instituições americanas. Levando-se em consideração a predominância de uma ideologia americana que privilegia o pluralismo cultural, estas novas gerações bilingues e biculturais conseguiram galgar posições na estrutura do governo local, nas agências de assistência social, no sistema educacional bilingue e nas instituições portuguesas que foram criadas nas décadas de 1970 com o apoio de verbas americanas. Mas, ao ajudar os imigrantes (principalmente aqueles que não falam inglês) a lidarem com as instituições americanas, esta intermediação cultural acabou por reforçar ainda mais a insularidade dos portugueses em New Bedford.

Entretanto, principalmente após terem adquirido direitos à dupla cidadania e tendo em vista a melhoria de condições de vida em Portugal, imigrantes aposentados começaram de fato a retornar à terra natal, enquanto seus descendentes (imigrantes e luso-americanos) continuaram a viver nos Estados Unidos. Após o regresso, estes aposentados tendem a viver simultaneamente entre Portugal e os Estados Unidos, usufruindo plenamente de seus direitos à dupla cidadania (que em muitos casos inclui dupla e até tripla aposentadoria), bem como de propriedades e investimentos acumulados nos dois países. Esta tendência está aparentemente intensificando-se no contexto da atual recessão americana.

Devido aos padrões da família extensa portuguesa, este fenômeno possibilitou a intensificação de uma estrutura familiar transnacional, através da qual decisões da vida cotidiana abrangem e dependem de familiares vivendo em Portugal e nos Estados Unidos. Enquanto os membros mais jovens dessas famílias tendem a viver mais no ambiente americano do que no português, outros filhos ou filhas optaram pelo bilinguismo e biculturalismo. Levando-se em consideração a intermediação cultural que estes últimos desempenham para os parentes que não falam o inglês, esta estrutura familiar transnacional tende a aumentar a insularidade destas famílias em New Bedford.

As histórias orais, bem como a literatura portuguesa, trazem à tona memórias da chegada, nas vilas distantes de Portugal, de baús cheios de bens materiais com “cheiro da América”. Faz parte da cultura imigrante dispender tempo e dinheiro coletando presentes a serem enviados, anualmente, em um baú para os parentes em Portugal. Através destes baús, imigrantes simbolicamente afirmavam a sua mobilidade social nos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, sua proeminência na terra natal. Antes, esta circulação de bens materiais era essencial para a economia doméstica daqueles que permaneceram em Portugal. Atualmente, entretanto, os imigrantes estão progressivamente confrontando-se com a mobilidade social ascendente daqueles parentes que conseguiram acesso ao sistema educacional gratuito do período pós-colonial, bem como usufruir dos processos de penetração capitalista em Portugal. Ao mesmo tempo em que as suas estratégias de afirmação social tendem a ser ridicularizadas na terra natal, seus parentes agora requisitam marcas americanas específicas, marcando a transnacionalização do consumo e da economia doméstica. Neste

**O significado
de tempos e
espaços
portugueses
na interseção
de culturas**

contexto, a incorporação progressiva de Portugal na economia mundial e a melhoria dos padrões de vida em diversas regiões portuguesas também possibilitaram a intensificação de visitas de parentes vivendo em Portugal a New Bedford, bem como um aumento de circulação de bens materiais e simbólicos

Estas redes transnacionais que distinguem os portugueses de New Bedford como membros de uma nação espacialmente desterritorializada acabam também por encapsulá-los, demarcando assim a insularidade desses imigrantes na vida social de New Bedford. Símbolos do passado português — de fato, de diferentes camadas de tempo e espaço portugueses —, são parte constitutivas dos enclaves portugueses da cidade. Por exemplo, no espaço privado das casas, camadas de tempo portuguesas e americanas superpõem-se espacialmente. Em geral, o “downstairs” (andar térreo) constitui-se na área principal de interação social e de práticas sociais associadas às experiências de vida nas aldeias e cidades de Portugal. Em contraposição, o “upstairs” (andar superior) tende a concentrar símbolos do consumo americano. Enquanto, durante o ano, os turnos de trabalho fabril marcam a vida de muitos, durante o verão, tal qual no final da época da colheita no Portugal rural, migrantes de origem rural continuam a ritualizar as suas memórias da terra natal numa sucessão de festas folclóricas regionais. Superpondo-se às inúmeras associações voluntárias regionais, as celebrações do “Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas”, juntamente com os eventos patrocinados pela “Prince Henry Society” (uma espécie de Rotary Club) trazem à tona a era das descobertas portuguesas no presente americano⁽¹⁰⁾.

Esta contínua incorporação e superposição de várias camadas do passado no presente talvez seja característica de enclaves imigrantes em qualquer parte do mundo. Aparentemente, estes territórios, parecendo reproduzir fotografias de tempos e espaços já vividos, podem ser interpretados como mera nostalgia. Entretanto, estas camadas de tempo e espaço, superpondo significados e valores culturais que estão muitas vezes em conflito, são represen-

(10) Estas celebrações foram por mim analisadas em “A (re)invenção da memória e a construção da etnicidade em festas imigrantes”, comunicação apresentada no seminário internacional “Espaços de Festa: Permanência e Inovação”, Lisboa, Universidade Aberta, 11-13 de novembro de 1991. Sobre o assunto, consultar também Cabral, 1989.

tações dinâmicas da forma pela qual migrantes percebem e confrontam mudanças nas suas condições de existência.

Na reconstrução da identidade ao nível do “eu” ou da pessoa, a memória histórica coletiva pode, em algumas circunstâncias, perpassar interações com a sociedade americana, principalmente em situações de discriminação. Sentimentos de auto-estima tendem a ser reafirmados através de comparações entre a história dos Estados Unidos e o passado mítico português, tais como “A América é jovem. Quantos anos tem a América? E, afinal quem descobriu a América?” (uma alusão à chegada dos irmãos Côrte-Real à América, anteriormente a Colombo) e “Afinal, quem são os americanos?” (uma alusão ao fato de considerarem que não há verdadeiros americanos nos Estados Unidos, a não ser os índios).

Reconstruções de identidade, que são mediadas pelas representações simbólicas de diferentes camadas do tempo português, variam de acordo com a classe social, região de origem, geração e gênero. Principalmente aqueles homens e mulheres cuja história de imigração abrange a transição de atividades pré-industriais orientadas pela tarefa em Portugal para o trabalho industrial nos Estados Unidos tendem a desenvolver uma nostalgia romântica, ou saudade da terra, pelo seu passado imediato de trabalho não-industrial. A reinvenção do seu passado imediato reflete suas experiências e suas percepções dos diferentes ritmos e significados de tempo, trabalho e vida em Portugal e nos Estados Unidos — de ritmos mais naturais de tempo para o tempo disciplinado do capitalismo industrial (Thompson, 1966). Esta nostalgia romântica por um tempo em que o trabalho estava entrelaçado com as múltiplas dimensões da interação social proporciona significado às vidas difíceis marcadas por mudanças abruptas, representando, por conseguinte, uma estratégia para resistir à imersão total ao tempo industrial⁽¹¹⁾. Portanto, não é por acaso que êstes imigrantes tendem a relembrar somente os aspectos benéficos de suas vidas vividas antes da emigração (Scott, 1985)⁽¹²⁾. No contexto de mudanças dramáticas causadas pela imigração e pelas

⁽¹¹⁾ Esta distinção é baseada na distinção feita por E. P. Thompson entre *tempo natural* e *o tempo disciplinado do capitalismo industrial* (Thompson, 1967).

⁽¹²⁾ Nesta análise, considero fundamental distinguir entre *memória* e *tradição*. Similarmente a Scott, sugiro que a reinvenção das memórias do passado está directamente relacionada aos conflitos e dificuldades no presente (Scott, 1985). Sobre o assunto, ver também Williams, 1973.

tações dinâmicas da forma pela qual migrantes percebem e confrontam mudanças nas suas condições de existência.

Na reconstrução da identidade ao nível do “eu” ou da pessoa, a memória histórica coletiva pode, em algumas circunstâncias, perpassar interações com a sociedade americana, principalmente em situações de discriminação. Sentimentos de auto-estima tendem a ser reafirmados através de comparações entre a história dos Estados Unidos e o passado mítico português, tais como “A América é jovem. Quantos anos tem a América? E, afinal quem descobriu a América?” (uma alusão à chegada dos irmãos Côrte-Real à América, anteriormente a Colombo) e “Afinal, quem são os americanos?” (uma alusão ao fato de considerarem que não há verdadeiros americanos nos Estados Unidos, a não ser os índios).

Reconstruções de identidade, que são mediadas pelas representações simbólicas de diferentes camadas do tempo português, variam de acordo com a classe social, região de origem, geração e gênero. Principalmente aqueles homens e mulheres cuja história de imigração abrange a transição de atividades pré-industriais orientadas pela tarefa em Portugal para o trabalho industrial nos Estados Unidos tendem a desenvolver uma nostalgia romântica, ou saudade da terra, pelo seu passado imediato de trabalho não-industrial. A reinvenção do seu passado imediato reflete suas experiências e suas percepções dos diferentes ritmos e significados de tempo, trabalho e vida em Portugal e nos Estados Unidos — de ritmos mais naturais de tempo para o tempo disciplinado do capitalismo industrial (Thompson, 1966). Esta nostalgia romântica por um tempo em que o trabalho estava entrelaçado com as múltiplas dimensões da interação social proporciona significado às vidas difíceis marcadas por mudanças abruptas, representando, por conseguinte, uma estratégia para resistir à imersão total ao tempo industrial⁽¹¹⁾. Portanto, não é por acaso que êstes imigrantes tendem a relembrar somente os aspectos benéficos de suas vidas vividas antes da emigração (Scott, 1985)⁽¹²⁾. No contexto de mudanças dramáticas causadas pela imigração e pelas

(11) Esta distinção é baseada na distinção feita por E. P. Thompson entre *tempo natural* e *o tempo disciplinado do capitalismo industrial* (Thompson, 1967).

(12) Nesta análise, considero fundamental distinguir entre *memória* e *tradição*. Similarmente a Scott, sugiro que a reinvenção das memórias do passado está directamente relacionada aos conflitos e dificuldades no presente (Scott, 1985). Sobre o assunto, ver também Williams, 1973.

pressões impostas pelas regularidades do trabalho industrial, a terra natal (que é lembrada em termos de suas vidas nas vilas ou regiões de origem) transforma-se em utopia. Esta nostalgia romântica é ainda traduzida em práticas sociais, associadas ao passado de trabalho não industrial, tais como plantio de hortas, o fazer do vinho, a costura e os bordados. Enquanto durante o seu turno de trabalho, estes imigrantes transformam-se em proletários, no seu tempo livre continuam a ser lavradores e artesões. Acima de tudo, estas representações simbólicas e práticas sociais de seu passado de trabalho não-industrial proporcionam a base de sua reconstrução enquanto açorianos, madeirenses e continentais, demarcando assim suas fortes identidades regionais. De fato, na vida cotidiana, estas identidades regionais tendem a ser mais fortes que (e muitas vezes entram em conflito com) a identidade nacional portuguesa.

Em contraposição, os descendentes de imigrantes, bem como os imigrantes mais jovens que conseguiram ascensão social, educacional e econômica, tendem a justapor as suas identidades portuguesa e americana (justaposição essa refletida em hifenizações como "Portuguese-American" ou "Luso-Americano") ou mesmo a optar por uma identidade americana. Na vida cotidiana, as ações e interações entre as lideranças migrantes, bem como entre estas lideranças e as luso-americanas, são demarcadas por clivagens endêmicas que expressam conflitos de identidade e interesses diversos (em termos de classe social, região de origem, geração e gênero). Entretanto, principalmente desde inícios da década de 1980, lideranças luso-americanas, muitas vezes aliadas a imigrantes que galgaram posições de poderio econômico, tenderam, em nome de uma "comunidade portuguesa" quiçá fictícia (pois devido à sua heterogeneidade é provavelmente inviável enquanto "comunidade"), a reinventar a era dos Descobrimientos portugueses em suas mobilizações enquanto grupo étnico na sociedade pluralística americana.

Mas o passado não é um assunto envolvendo apenas memórias desvanecidas e sentimentos supérfluos. Ao passado são incorporadas novas imaginações e reinvenções da identidade portuguesa que são produzidas por ambos, o Estado português e a população transnacional. Considerando-se um povo espalhado pelo mundo, imigrantes portugueses usam da melhor maneira possível de seus direitos à dupla cidadania. No contexto da crescente internaciona-

lização do capital, suas ações, interações e estratégias resultaram na emergência de novas formas de transnacionalismo. Estes imigrantes reelaboraram diferencialmente sua portugalidade no contexto de suas experiências concretas de migração, das mudanças de hábitos de trabalho e da interligação de suas vidas vividas entre Portugal e os Estados Unidos.

Os processos culturais e sociais subjacentes às construções de classe, raça, etnicidade e nacionalismo, enquanto movimentos coletivos no espaço da migração, tornam-se compreensíveis a partir de uma análise que leva em consideração tanto a posição estrutural dos imigrantes portugueses em New Bedford quanto o papel das diferentes (e, por vezes, contrastantes) ideologias e políticas americanas e portuguesas (incluindo diferentes definições de raça). Durante as décadas de 1920 e 1930, tanto quanto no presente, as políticas americanas tenderam a considerar a imigração essencialmente enquanto uma “questão racial” e a definir, a partir de uma ótica genética, quais os grupos raciais de imigrantes desejáveis à sociedade americana. Assim, naquele período, após a implementação de uma série de leis que restringiram a imigração para os Estados Unidos, uma ampla campanha de *Americanização* foi lançada com o objetivo de educar imigrantes (brancos) a tornarem-se parte da sociedade americana e, portanto, a assimilarem-se. Muito embora a ideologia predominante excluísse os negros, o moto principal da campanha afirmava que a “América pertence a todos”⁽¹³⁾.

**Reinvenções da
identidade
portuguesa: os
processos
históricos e o
papel dos
estados
português e
americano**

211

Por outro lado, as ideologias portuguesas, baseadas na (re)invenção do papel mítico de Portugal durante a era das grandes explorações marítimas, recorrentemente enfatizavam o orgulho patriótico da “raça lusa”. Este orgulho também se fundamentava na existência de colônias ultramarinas, cujas populações eram consideradas portuguesas a partir de uma definição predominantemente cultural (e não genética) de raça. No contexto dessas ideologias, aqueles que emigravam eram considerados um “mal necessário” e cidadãos de segunda classe. Os que emigravam de Portugal e fixavam-se nos Estados Unidos eram vistos pejorativamente e sofriam discriminação por parte de ambos os

⁽¹³⁾ Cabeçalho de um panfleto distribuído pela Portuguese-American Civic Association, uma associação voluntária composta predominantemente por comerciantes e profissionais luso-americanos que, no afã de conseguir acesso político nos Estados Unidos, tornaram-se intermediários na campanha de Americanização.

Estados: a discriminação era intrínseca à própria conceptualização do termo "imigrante".

Naquele período, os portugueses já constituíam o maior grupo imigrante de New Bedford. Entretanto, a assim chamada *colônia portuguesa* era de fato composta por quatro grupos distintos: açorianos, continentais, madeirenses e cabo-verdianos (que, como membros de um Portugal Ultramarino, consideravam-se — e eram considerados — portugueses). Além desses grupos, já existia um contingente luso-americano, formado principalmente por descendentes dos baleeiros e lavradores que haviam emigrado para New Bedford antes da virada do século XX, alguns dos quais obtiveram prosperidade econômica. Mas apesar da diferenciação social existente entre os portugueses, a maioria fazia parte dos estratos econômicos mais pobres da sociedade local. De fato, no contexto da estrutura social da localidade, os portugueses estavam (econômica, social e politicamente), em posição inferior aos outros grupos imigrantes — principalmente em relação aos ingleses, irlandeses, franco-canadenses e judeus. Além do mais, levando-se em consideração a definição genética de raça e a inclusão dos cabo-verdianos como um dos grupos da colônia, os portugueses, alcunhados de *Black Portuguese*, eram também alvo de discriminação racial.

Esta era uma população que já havia estabelecido redes transnacionais de parentesco e projetos que ligavam as suas aspirações por uma vida melhor às suas conexões nos dois mundos. Porém, devido às ideologias nacionalistas exacerbadas que predominavam àquela época nos Estados Unidos e em Portugal, imigrantes e descendentes eram constantemente pressionados a fazer uma opção: continuarem portugueses ou tornarem-se americanos, através da assimilação. De um lado, a "americanização" implicava a rejeição (ou invisibilidade) da identidade portuguesa e a possibilidade de se evitar a discriminação racial. Ao mesmo tempo, proporcionava a possibilidade de acesso às esferas do poder americano. Por outro lado, as ideologias portuguesas, baseadas na supremacia da raça lusa, demandavam a manutenção exclusiva da cultura, nacionalidade e língua portuguesa.

Diante destes dois nacionalismos exacerbados que competiam entre si, aqueles imigrantes e luso-americanos que tornaram-se negociantes ou profissionais liberais e que almejavam ascensão política, econômica e social nos Estados Unidos, tendiam a optar pela rejeição ou invisibili-

dade da identidade e da ancestralidade portuguesa. Assim, para êsse segmento da população (e principalmente para os descendentes de imigrantes, que falavam fluentemente o inglês), a assimilação tornou-se também uma forma de evitar o estigma de "Black Portugee". Mas, devido ao papel ativo desempenhado pelo Estado português em New Bedford (através de representantes consulares, padres católicos e meios de comunicação de massa), a americanização e questões relativas à naturalização transformaram-se em fontes de conflito.

Apesar desses conflitos e das clivagens regionais prevalentes entre os imigrantes, a memória coletiva da era das Descobertas continuou a ser reinventada na colônia portuguesa de New Bedford. Isto pode ser ilustrado pelas extensas celebrações, realizadas no ano de 1932, de três eventos conjuntos: o Quinto Centenário das Descobertas dos Açores, o centenário da colônia portuguesa de New Bedford e o cinquentenário do Montepio Luso-Americano, a mais antiga sociedade beneficente da colônia. Como parte dessas comemorações, uma comissão composta por madeirenses, açorianos, continentais e cabo-verdianos, publicou (sob os auspícios do Montepio Luso-Americano) um livro em português documentando a história dos Portugueses em New Bedford. Tendo como base a sua própria experiência transnacional, seus autores resistiram à polarização prevalente entre duas ideologias nacionais competitivas. Ao invés, interpretaram as histórias de New Bedford e das diferentes regiões de Portugal como partes interrelacionadas de uma construção social única (14).

Sobretudo, a campanha de Americanização parece não ter tido grande impacto sobre as camadas trabalhadoras imigrantes. Aqueles que permaneceram em New Bedford enfrentaram tempos árduos. Mantendo seus contactos com parentes mundo afora, muitos continuaram a enviar, quando possível, suas remessas para a terra natal. Para a maioria, as representações simbólicas e as práticas sociais associadas ao passado anterior à emigração funcionavam como válvulas de escape para a expressão do "eu". E, não obstante as pressões assimilacionistas, as décadas de 1920 e 1930 foram marcadas não somente por uma proliferação de associações voluntárias regionais e sociedades de ajuda mútua portuguesas, mas também pelo estabelecimento de

(14) Trata-se de *Os Portugueses em New Bedford*, Montepio Luso-Americano, New Bedford.

escolas, programas de rádio e grupos teatrais em língua portuguesa. Como corolário da vivência migrante entre dois mundos, um desses grupos teatrais (o mais radical), o Grupo Dramático Popular, foi formado no contexto da militância de seus membros na luta contra o fascismo em Portugal, bem como de sua participação ativa na greve de 1928 — a maior e mais longa greve já realizada em New Bedford, contra a redução de salários nas indústrias têxteis locais ⁽¹⁵⁾.

Em suma, além de o Estado português ter desempenhado um papel direto na vida da colônia, as redes transnacionais de parentesco tornaram a identificação com Portugal e com a cultura portuguesa, não uma memória esvanecida, mas uma presença contínua no cotidiano dos imigrantes. Ao mesmo tempo, histórias orais sugerem que as pressões para a americanização repercutiram predominantemente entre os descendentes de imigrantes. A fim de evitar discriminação, os Luso-Americanos tenderam a optar pela cultura dominante, apesar de, em inúmeros casos, terem mantido a língua e tradições portuguesas. Muitos, mas nem todos, casaram-se com membros de outros grupos imigrantes e, até certo ponto, inseriram-se na vida americana. Este processo de americanização parece ter atingido seu auge durante a II Guerra Mundial, quando luso-americanos foram convocados a lutar pelos Estados Unidos.

Na década de 1970, não obstante a emergência de uma ideologia americana enfatizando o pluralismo cultural e a politização da etnicidade, os portugueses eram ainda vistos como uma “minoría invisível” e um “caso de desaparecimento étnico” ⁽¹⁶⁾. E, ainda hoje, muitos luso-americanos (principalmente os descendentes dos contingentes mais antigos de imigrantes) nutrem sentimentos contraditórios de vergonha e orgulho por sua ancestralidade portuguesa. Apesar de mudanças da política americana em relação às minorias étnicas, a discriminação continua a permear o tecido social da vida cotidiana em New Bedford. Assim, o rótulo de *greenhorn* (simplório ou novato) continua a estigmatizar sucessivos contingentes de imigrantes a partir do momento

⁽¹⁵⁾ Durante a primavera de 1928, 30.000 operários recusaram-se a aceitar uma redução salarial de 10% que lhes foi imposta pelas indústrias têxteis de New Bedford. Esta greve, que contou com grande participação de operários portugueses, durou seis meses. Como resultado de desentendimentos entre sindicatos rivais, os operários finalmente aceitaram uma redução de 5 % em seus salários, como uma solução de compromisso.

⁽¹⁶⁾ “The Invisible Minority” e “The Case of the Disappearing Ethnic” são títulos de artigos publicados em 1976 por Estelle Smith sobre os portugueses de New Bedford e Fall River.

da chegada nos Estados Unidos. E diferentes gerações de imigrantes mais jovens, bem como descendentes dos imigrantes invariavelmente relembram como foram vítimas de preconceitos, devido às diferenças de costumes (incluindo hábitos alimentares e estilos de vestuário), na interseção de culturas (principalmente nas escolas americanas). Da mesma forma, diferenças regionais e de classe demarcam limites sociais entre os próprios imigrantes. Mas enquanto no passado as políticas assimilacionistas eram baseadas em discriminação explícita, a ideologia multiétnica prevalecente no presente — reforçando limites étnicos — resultou em uma segregação e auto-segregação progressiva. E se essa segregação implica em (e ao mesmo tempo evita a) discriminação, os preconceitos sociais, muitas vezes provocados por equívocos culturais, vêm dramaticamente à tona em situações de conflito e confrontação.

No entanto, a década de 1980 foi marcada por reconstruções de classe, raça, etnicidade e nacionalismo entre os portugueses de New Bedford. Estas reconstruções foram estimuladas por uma complexidade de fatores, dentre os quais destacam-se:

1. as políticas pluralistas americanas, enfatizando a alocação de recursos através de limites étnicos no contexto de uma ideologia que, pelo menos retoricamente, vislumbra a “América como uma nação de imigrantes”;

2. a chegada de novos contingentes mais diversificados de imigrantes;

3. o efêmero *milagre econômico* de Massachusetts que durou até finais da década de 1980;

4. a relativa melhoria da posição social, política e econômica dos portugueses em New Bedford; e

5. as recentes redefinições dos conceitos de *nação*, *nacionalidade*, *imigração*, e *imigrante* pelo Estado português no contexto da incorporação progressiva de Portugal no sistema mundial. Estas redefinições implicaram na atribuição de novas responsabilidades aos “Portugueses fora de Portugal”: integrar-se à sociedade de recepção sem assimilar-se e, ao mesmo tempo, estabelecer a presença de Portugal no mundo.

Como parte destas estratégias, o govêrno central, bem como os governos autônomos da Madeira e dos Açores, estreitaram as suas relações com as lideranças das “comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo”. Além de estimular a realização de extensas celebrações do “Dia de

Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas”, a Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas passou a organizar congressos com a presença de cidadãos de origem portuguesa que ocupam posições de liderança em diversas partes do mundo; e, mais recentemente, começou a dedicar atenção especial aos meios de comunicação de massas, criando programas de rádio e televisão para as “comunidades portuguesas” fora de Portugal. Similarmente, as Divisões de Emigração da Madeira e dos Açores progressivamente estreitaram as suas relações com as lideranças imigrantes e luso-americanas da região. Visitas de uma variedade de representantes governamentais (incluindo o Presidente Mario Soares) à região são frequentes. Dentre estes, Mota Amaral, presidente do Governo Regional dos Açores, visita a Nova Inglaterra (especialmente Fall River, uma cidade próxima a New Bedford, cuja população é predominantemente composta por açorianos) pelo menos quatro vezes por ano.

Como vimos, mesmo antes da intensificação de contactos entre representantes governamentais portugueses e líderes das comunidades espalhadas pelo mundo, negociantes e profissionais liberais de origem portuguesa invariavelmente tentaram conseguir acesso às esferas de poder econômico, social e político nos Estados Unidos. Ainda na década de 1970, na tentativa de estabelecerem-se enquanto parte das camadas dominantes americanas e apesar das divergências expressas por um estrato social emergente formado por assistentes sociais (composto principalmente por mulheres imigrantes), líderes imigrantes e luso-americanos dos Estados Unidos recusaram-se a participar do programa cognominado “Affirmative Action” que aloca verbas e empregos às minorias étnicas, através de um sistema de quotas. Dessa forma, distanciaram-se novamente da questão racial, num período em que os cabo-verdianos, já independentes de Portugal, haviam optado pelo status de “minoría”... (17) Ao mesmo tempo, através de seus contactos políticos, a liderança portuguesa de New Bedford formou, com o apoio de verbas públicas americanas, um Centro de Assistência ao Imigrante e uma filial portuguesa da biblioteca pública local (cujo quadro de assistentes sociais e bibliotecárias é composto por imigrantes biculturais que estudaram nos Estados Unidos). Diferentemente da década de 1930, quando

(17) Frances Rogers, um luso-americano que lecionou na Universidade de Harvard, defende a opção “maioritária”, em Rogers, 1974.

relatórios governamentais indicavam um número escasso de funcionários e intérpretes portugueses, New Bedford tem hoje uma estrutura bilingue. Esta estrutura permite que luso-americanos e imigrantes biculturais desempenhem intermediação cultural entre a população imigrante e as instituições americanas, bem como entre Portugal, New Bedford e os imigrantes. Portanto, não é por acaso que essas lideranças biculturais constituem o alvo principal da política (transnacional) do governo português.

Como corolário, enquanto no passado a possibilidade de conseguir mobilidade social ascendente e poder político demandava a rejeição, ou invisibilidade, da identidade e ancestralidade portuguesa, presentemente ocorre um processo inverso. Isto pode ser ilustrado pela formação de organizações como a Prince Henry Society, uma espécie de Rotary Club, formada por profissionais liberais, industriais e comerciantes imigrantes e luso-americanos⁽¹⁸⁾. Uma das poucas associações que consegue reunir açorianos, madeirenses, continentais e luso-americanos, a Prince Henry Society almeja alcançar posições políticas, sociais e econômicas na região. Com este intuito, enfatiza a reinvenção da memória das Descobertas e a promoção da cultura portuguesa (de "elite") na região. Além de homenagear cidadãos que se destacaram na vida de New Bedford, inclusive o "Imigrante do Ano", a Prince Henry Society ainda organiza concertos de música clássica, exposições de arte e conferências. A sua ênfase na "cultura de elite" tem como objetivo enaltecer a própria condição de classe de seus associados (bem como o seu papel como representantes de Portugal em New Bedford) e, ao mesmo tempo, alterar a imagem dos portugueses como sendo camponeses e pescadores envolvidos em rituais de religiosidade popular.

As seguintes afirmações feitas pelo diretor da Portuguese Cultural Foundation (Fundação Cultural Portuguesa) de Rhode Island, por ocasião da inauguração pelo Presidente Mário Soares de um monumento dedicado aos descobridores portugueses em Newport, resumizam o processo em curso:

Como outras culturas, os Portugueses não são simplesmente lavradores e pescadores. [Os Portugueses] são portadores de uma grande herança. Um monumento como

(18) A Portuguese-American Business Association e a Portuguese-American Anti-Defamation League são duas outras associações que reúnem açorianos, madeirenses, continentais e luso-americanos. As camadas operárias portuguesas, apesar de suas clivagens regionais, também mobilizam-se conjuntamente no âmbito dos sindicatos locais.

este permite, a quem estiver interessado, descobrir o mundo português da mesma forma em que os portugueses descobriram o mundo da América há 500 anos. [Este monumento] é a culminação de um sonho onde o passado transforma-se no presente e no futuro. (*East Bay Window*, Newport, R. I., 1 de março de 1989).

Ao invés de denotar uma obsessão pelo passado histórico português, ou uma caracterização utópica do destino português, a reinvenção da era das Descobertas na vida cotidiana americana representa uma construção cultural pragmática que tem por objetivo melhorar a imagem de Portugal e dos imigrantes portugueses na região. Tanto o governo português quanto alguns segmentos das elites imigrantes e luso-americanas têm interesse nessa (re)invenção da tradição (de acordo com a definição dada por Hobsbawm ao termo). De um lado, o Estado português, através da intensificação de suas relações com as lideranças das "Comunidades Portuguesas espalhadas pelo mundo" (entre as quais as de New England), procura estabelecer "a presença de Portugal no mundo". Por outro lado, as lideranças radicadas em New Bedford, bem como em outras cidades de New England, reinventam a tradição das Descobertas a fim de melhorar suas posições no campo da política multiétnica americana e, assim, estabelecerem-se (não como minoria, mas) como parte das camadas dominantes da sociedade americana.

Entretanto, as novas políticas portuguesas e americanas intensificaram clivagens já existentes, na medida em que diferentes grupos começaram a competir entre si para representar Portugal na região. Estas clivagens também refletem interesses regionais em Portugal, como as tentativas do governo regional dos Açores para ganhar maior autonomia em relação às tendências centralizadoras do Estado-nação. Nesta conjuntura histórica, o governo açoriano, juntamente com intelectuais açorianos, residindo no arquipélago e no exterior, inventaram a tradição da "açorianidade", "uma maneira especial de ser português". Em New England, onde a população açoriana é a maior, a emergência da açorianidade aumentou clivagens regionais entre os cidadãos mais influentes (inclusive entre imigrantes açorianos). Ao mesmo tempo, a invenção desta tradição permitiu ao governo açoriano contar com o apoio dos açorianos influentes, radicados na Nova Inglaterra, para estabelecer acordos internacionais na região, bem como para ganhar acesso aos altos escalões da política americana. Nas suas tentativas

para incorporar as suas populações dispersas, tanto o Estado português quanto o governo autônomo dos Açores constantemente homenageiam os seus emigrantes e luso-americanos mais influentes que galgaram uma certa notoriedade nas suas esferas de atividade nos Estados Unidos.

Entrementes, a massa dos trabalhadores portugueses, mais vulneráveis aos ritmos do capitalismo, está confrontando o fechamento das fábricas locais, cortes de salário e desemprego. Como vimos, na sua vida cotidiana, estes imigrantes tendem a imaginar Portugal em termos de suas vilas de origem, ou da "micro-pátria" (Trindade, 1987). Consequentemente, as representações simbólicas e as práticas sociais associadas ao passado imediatamente anterior à emigração moldam suas identidades enquanto açorianos, madeirenses e continentais. Estas fortes identidades regionais são intensificadas por redes transnacionais que tendem a ser também regionalmente demarcadas. Apesar das clivagens regionais endêmicas, que foram ainda mais intensificadas pelas atuais políticas portuguesas e americanas de controle destas populações, estes imigrantes (independentemente de suas origens regionais) mobilizam-se enquanto trabalhadores portugueses em suas lutas pela melhoria de salários e condições de trabalho⁽¹⁹⁾. E muito embora tenham adquirido o *status* de "Portugueses fora de Portugal", continuam a perceberem-se como "imigrantes" que sofrem discriminação dentro da força de trabalho americana. Enfrentando, na sua vida cotidiana, a transferência de fábricas locais para regiões do mundo onde a mão-de-obra é mais barata, estes imigrantes estão-se tornando cada vez mais conscientes de que sua presente vulnerabilidade é resultado do processo de "reestruturação da desindustrialização" ora em curso nos Estados Unidos. No contexto da melhoria dos padrões de vida em Portugal, estes imigrantes estão, também, começando a constatar que o "sonho americano" (que para eles sempre representou a procura de um "futuro melhor") talvez resida atualmente em Portugal e não mais na América.

(19) A greve que ocorreu na Carol Cable em 1988 é ilustrativa. Naquela greve, operários (maioritariamente compostos por imigrantes portugueses) perceberam as tentativas daquela companhia de impôr cortes salariais e cancelar o seguro de saúde dos trabalhadores como uma forma de "discriminação contra os portugueses". Os grevistas também alegaram que os seus salários eram mais baixos que os dos trabalhadores de outras fábricas da companhia localizadas em outras cidades americanas. Além disso, externaram a sua preocupação com o deslocamento de fábricas para outras partes do mundo. Apesar de os trabalhadores terem saído vitoriosos da greve, a Carol Cable encerrou suas atividades em New Bedford em 1989. A partir de então, inúmeras fábricas encerraram suas atividades na cidade.

Conclusões

Em qualquer parte do mundo, imigrantes são conhecidos por suas elaborações de imagens da terra natal que tornam-se sentimentalizadas em canções, poesias e narrativas. Enquanto estes passados lembrados e reinventados funcionam como amortecedores do desenraizamento causado pela imigração, nos Estados Unidos transformam-se também no tecido da política de etnicidade. Imigrantes que galgam ascensão social e econômica participam do processo político nos Estados Unidos, utilizando a reconstrução de seu passado para criar uma constituição étnica multi-classe.

À primeira vista, pode parecer possível ler-se a história dos portugueses de New Bedford como parte da história étnica dos Estados Unidos e analisá-los tão-somente como um enclave dentro da sociedade americana. As primeiras gerações de portugueses que migraram para os Estados Unidos, ao aprender o inglês e optarem por casamentos interétnicos, fizeram concessões às pressões assimilativas, quando essas pressões eram dominantes. Mas mostraram-se preparados para assumir o papel de uma liderança étnica, quando as gerações posteriores precisaram de representação numa América redefinida como culturalmente plural. Certamente as memórias do passado, preservadas e inventadas, impregnam a vida dos portugueses de New Bedford e contribuem para a auto-definição da população.

Entretanto, subjacente à aparente insularidade destes Portugueses há uma série de paradoxos, através dos quais pode-se verificar que a etnicidade portuguesa é o produto de forças que se estendem além da comunidade local e abrangem os processos de (re)construção de nação tanto em Portugal como nos Estados Unidos. Torna-se óbvio, portanto, que a análise da identidade cultural destes migrantes portugueses requer uma leitura diferente da história da imigração portuguesa, uma história onde as construções raciais, embutidas nos processos de (re)construção das nações portuguesa e americana, têm um papel de destaque. A constante recriação de memórias históricas, cristalizadas na construção cultural da *saudade*, tem suas origens nos processos de construção da nação portuguesa e representa uma continuidade das relações entre migrantes portugueses e o Estado português. E estes processos refletem e reinterpretam as mudanças das relações de Portugal com as forças capitalistas mundiais. Mas, ao mesmo tempo, migrantes portugueses nomearam-se como herdeiros da *saudade* em

relação às suas experiências de migração, vida e trabalho nos Estados Unidos.

No passado, o processo de construção da nação americana procurou incorporar imigrantes através de assimilação, mas num contexto onde diferenças forâneas e raciais eram estigmatizadas, e no qual os imigrantes portugueses tendiam a ser vistos como estrangeiros de tez escura. Como resposta, enquanto os que conseguiram ascensão econômica e social tenderam a optar pela assimilação, a maioria dos imigrantes das camadas trabalhadoras desenvolveu e manteve redes transnacionais de parentesco unindo suas vidas entre os Estados Unidos e Portugal num conjunto único de relações. Através destas redes transnacionais, os imigrantes localizavam-se dentro de Portugal, cuja "comunidade política imaginada" fundamentava-se na supremacia da raça lusitana e nas suas possessões ultramarinas. Mas, como emigrantes de Portugal, esses migrantes eram também alvo de políticas e ideologias discriminatórias.

Na presente conjuntura do capitalismo, o Estado português redefiniu-se como uma nação desterritorializada, que incorpora sua população disseminada pelo mundo. Consequentemente, tornaram-se cruciais para esta redefinição tanto a legitimização das redes transnacionais de migrantes quanto a própria construção cultural da saudade. Neste mesmo período, os esforços dos Estados Unidos, visando a incorporação de imigrantes, tendem a estimular celebrações públicas de comunidades étnicas como pilares do tecido social americano. As estratégias incorporativas de ambos os Estados coincidem com os interesses daqueles imigrantes e luso-americanos que conseguiram ascensão social, educacional e econômica. Os membros deste estrato social, principalmente os *transmigrantes* (cf. Schiller, *et al.*, 1992)²⁰ procuram ganhar prestígio e posições como representantes do enclave português de New Bedford, porém, sem rejeitar os benefícios que podem obter por permanecerem cidadãos do Estado português. Se é de valia para os seus compatriotas das camadas trabalhadoras serem incorporados em dois mundos, cercados pelos símbolos de um passado glorioso mas com um futuro de possibilidades econômicas limitadas, é uma outra questão. ■

(20) Nesta colectânea podem consultar-se outros estudos que salientam a relevância da figura do transmigrante.

Referências Bibliográficas

222

- Aguiar, M. 1986 *Política de Emigração e Comunidades Portuguesas*, Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de Estudos, Série Migrações, Política, Relações Internacionais.
- Almeida, Onésimo Teotónio de 1988 *L(U.S.A.)landia: A Décima Ilha*, Angra do Heroísmo, Serviços de Emigração.
- Anderson, Benedict 1983 *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London/New York. Verso.
- Arroteia, J. C. 1985 *Atlas da Emigração Portuguesa*, Porto.
- Basch, L.; N. Glick Schiller; C. Blanc-Szanton 1991 "Transnationalism and the Construction of the Deterritorialized Nation: An Outline for a Theory of Post-National Practices", comunicação apresentada no Congresso da Associação Americana de Antropologia, Chicago (mimeo).
- Cabral, S. 1989 *Tradition and Transformation: Portuguese Feasting in New Bedford*, AMS Press.
- Capinha, Graça 1993 "Literatura e Emigração: Poetas Emigrantes nos Estados de Massachusetts e Rhode Island", in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Portugal: Um Retrato Singular*, Porto, Afrontamento.
- Carvalho, E. 1931 *Os Portugueses da Nova Inglaterra*, Rio de Janeiro, A Leitura Colonial.
- Costa, D. L. Pereira da; Gomes, P. 1976 *Introdução à Saudade*, Porto: Lello & Irmão.
- Feldman-Bianco, Bela 1991a "A Reinvenção da Memória e a Construção da Etnicidade em Festas Migrantes", comunicação apresentada no Seminário "Espaços de Festa. Permanência e Inovação", Lisboa, Universidade Aberta (mimeo).
- Feldman-Bianco, Bela 1991b "*Saudade*, Immigration and the Creation of a (Global) Deterritorialized Nation", comunicação apresentada no Congresso da Associação Americana de Antropologia, Chicago (mimeo).
- Hobsbawn, E.; T. Ranger 1983 *The Invention of Tradition*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Kearney, M. 1991 "Borders and Boundaries of the State and Self at the End of Empire", *Journal of Historical Sociology* 4 (1): 52-74.
- Lourenço, Eduardo 1978 *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- Montepio Luso-Americano (org.) 1932 *Os Portugueses em New Bedford*, New Bedford, MA.
- Pereira, M. G. Sá 1985 *A Posição Sócio-económica dos Imigrantes Portugueses e seus Descendentes nos Estados de Massachusetts e Rhode Island*, Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas.

- Ribeiro, F. G. Cassola 1986a *Emigração Portuguesa: Aspectos Relevantes Relativos às Políticas Adoptadas no Domínio da Emigração Portuguesa, desde a Última Guerra Mundial. Contribuição para o seu Estudo*, Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Instituto de Apoio à Emigração e às Comunidades Portuguesas, Série Migrações, Política, Relações Internacionais.
- Ribeiro, F. G. Cassola 1986b *Emigração Portuguesa: Algumas Características Dominantes dos Movimentos no Período de 1950 a 1984*, Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de Estudos, Série Migrações, Sociologia.
- Ribeiro, F. G. Cassola 1987 *Emigração Portuguesa: Regulamentação Emigratória do Liberalismo ao Fim da Segunda Guerra Mundial*, Porto, Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, Centro de Estudos, Série Migrações, Sociologia. 223
- Rogers, F. M. 1974 *Americans of Portuguese Descent: A Lesson in Differentiation*, Sage Research Papers, vol. 2.
- Schiller, N. Glick; L. Basch; C. Blanc-Szanton 1992 "Transnationalism: A New Analytical Framework for Understanding Migration"; "Towards a Definition of Transnationalism: Introductory Remarks and Research Questions", in N.Glick Schiller, L. Basch e C.Blanc-Szanton (orgs.), *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered*, *Annals of the New York Academy of Sciences*, 645: 1-24; IX-XIV.
- Scott, J. C. 1985 *Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*, New Haven, CT., Yale University Press.
- Serrão, Joel 1982 *A Emigração Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Thompson, E. P. 1967 "Time, Work-Discipline and Industrial Capitalism", *Past and Present* 38.
- Trindade, M. B. Rocha 1987 "As Micropátrias do Interior Português", *Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, Terceira Série, vol. XXIII, 4: 721-732.
- Vasconcelos, C. M. 1922 *A Saudade Portuguesa*, Porto.
- Williams, Raymond 1973 *The Country and the City*, Oxford, Oxford University Press.

Jornais e Relatórios:

- Diário de Notícias*, New Bedford, MA (vários exemplares).
Standard Times, New Bedford, MA (vários exemplares).
East Bay Window, Newport, R.I., 1 de março de 1989.
Relatório do dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, anos de 1977 e 1988.